

# ENTRE O CURA E O MÉDICO: HIGIENE, DOCÊNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL IMPERIAL<sup>1</sup>

---

*José Gonçalves Gondra*

## **Resumo**

Neste artigo analiso a forma escolar que a doutrina higienista pretendeu legitimar junto aos professores primários, com base no exame de quatro conferências pedagógicas apresentadas pelo Dr. Gallard aos professores primários franceses, na Sorbonne, em 1867, por ocasião da Exposição Universal de Paris. Este conjunto de conferências foi traduzido (e adaptado) para o português por Machado de Assis, sob a chancela do Dr Homem de Mello (Inspetor Geral da Instrução Primária e Secundária da Corte) e publicado nas colunas do hebdomadário “A instrução pública”. Por fim, para observar mais um espaço de difusão das mesmas, em 1873, tais conferências foram publicadas em um opúsculo intitulado “Hygiene para uso dos mestres-escola”, destinado “às administrações das escolas do Império” e para onde conviesse “a prática do que ensina”. Com o exame deste material e de suas formas de circulação é possível observar a capilarização da doutrina da Higiene que procura definir um estatuto para o professor primário, a idade da escola e um modelo de educação integral.

**Palavras-chave:** Higiene, Instrução Pública, Escolarização

## BETWEEN THE CURR AND THE PHYSICIAN: HYGIENE, TEACHING AND SCHOLARSHIP IN IMPERIAL BRASIL

### **Abstract**

In this article, I analyze the school way hygienist doctrine which was thought to be legitimated among elementary teachers. Such analysis is based on Dr. Gallard's four pedagogical conferences to French elementary teachers in Sorbonne. They took place in 1867, on the occasion of Paris Universal Exposition. This conference collection was translated (and adapted) to Portuguese by Machado de Assis, by Dr. Mello (General Inspector of Elementary and Secondary Teaching of the Court) and published in the weekly “A instrução

---

<sup>1</sup> Uma versão deste texto foi apresentada no VII Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, ocorrido em Quito, Equador, em 2005.

pública". Finally, these conferences were also published in an opuscle named Hygiene to master-school use, destined to imperial schools administration, and to those who work with teaching procedures. This material and its circulation provided observing the hygiene doctrine capillarity which seeks for defining a primary (elementary) teacher statute, the school age and an integral education model.

**Keywords:** Hygiene; public education; schooling

## ENTRE EL CURA Y EL MÉDICO: HIGIENE, DOCENCIA Y ESCOLARIZACIÓN EN BRASIL IMPERIAL

### Resumen

En este artículo analizo la forma escolar que la doctrina higienista ha pretendido legitimar junto a los maestros primarios, con base en el examen de cuatro conferencias pedagógicas presentadas por el Dr. Gallard a los maestros primarios franceses, en la Sorbonne, en 1867, por ocasión de la Exposición Universal de París. Este conjunto de conferencias fue traducido (y adaptado) para el portugués por Machado de Assis, bajo la aprobación del Dr Homem de Mello (Inspector General de la Instrucción Primaria y Secundaria de la Corte) y publicado en las columnas del semanario "La instrucción pública". Por fin, para observar más un espacio de difusión de las mismas, en 1873, tales conferencias fueron publicadas en un opúsculo intitulado "Higiene para uso de los maestros-escuela", destinado "a las administraciones de las escuelas del Imperio" y para donde conviniera "la práctica de lo que enseña". Con el examen de este material y de sus formas de circulación es posible observar la difusión de la doctrina de la Higiene que busca definir un estatuto para el maestro primario, la edad de la escuela y un modelo de educación integral.

**Palabras-clave:** Higiene, Instrucción Pública, Escolarización

Durante muito tempo a instrução foi representada nas aldeias apenas por dous homens: o médico e o cura... Direi melhor: o cura e o médico, porque devo respeitar a ordem de precedência, que acho legítima e é geralmente adoptada. Ao pé delles e entre elles, puzeram as nossas actuaes instituições o professor primário. Não penseis que neste trio intelectual, seja o vosso papel menos bello ou mais obscuro.” (Dr. Gallard, 1873, p. 5)

Saber constituído como ramo especializado da medicina e constituinte de um vasto conjunto de práticas, a Higiene<sup>2</sup>, para se legitimar, empregou dois grandes vetores. Um voltado para o interior da própria ordem médica, desdobrável na criação de disciplinas de formação; na importação, tradução e redação de manuais e compêndios; na organização de sociedades científicas e também na produção de discursos endereçados a um público mais amplo, na forma de dicionários, jornais, revistas e da própria literatura. O outro vetor foi apontado para várias instituições da sociedade como quartel, cemitério, prisão, bordel, igreja, família e escola, por exemplo<sup>3</sup>.

Apontado para a escola, a heterogeneidade das formas de legitimação também se fez presente, visível na definição das regras para constituir uma família higienizada, na definição de uma física das escolas, compreendendo sua localização, arquitetura, iluminação, aeração e metrificação dos espaços e também na

---

<sup>2</sup> Para o Dr. Devay “L’Hygiene n’est autre chose que la raison appliquée” (p. VIII). In *Traité spécial d’hygiène des familles*. Paris: Labé – Libraire de la Faculté de Médecine, 1858.

<sup>3</sup> A esse respeito, cf. Machado et ali. *Danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978; Costa, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1989; Rocha, Heloisa H. P. *A higienização dos costumes – educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo* (198-1925). Campinas: Mercado das Letras, 2003 e Gondra, José. *Artes de civilizar – medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, dentre outros.

normalização dos professores e das ações pedagógicas. Uma evidência deste último dispositivo acionado pelos higienistas se encontra presente na circulação de manuais de higiene voltados para o mestre-escola, alguns vertidos para a língua portuguesa.

Na tentativa de analisar a forma escolar que a doutrina higienista pretendeu legitimar junto aos professores primários, examino a circulação de quatro conferências pedagógicas apresentadas pelo Dr. Gallard aos professores primários franceses, na Sorbonne, em 1867, por ocasião da Exposição Universal de Paris. Conjunto de conferências traduzido (e adaptado) para o português por Machado de Assis<sup>4</sup>, sob a chancela do Dr. Homem de Mello<sup>5</sup> (Inspetor Geral da Instrução Primária e Secundária da

---

<sup>4</sup> Jornalista, contista, cronista, poeta e teatrólogo (21-06-1839 a 29-09-1908), Assis também foi funcionário público da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, função exercida a partir de 1873. É fundador da Academia Brasileira de Letras (também conhecida como a Casa de Machado de Assis), instituição que presidiu por mais de uma década. Ao longo de sua vida, teve relação próxima com o mundo editorial, atuando como auxiliar de tipógrafo, auxiliar de tradução (auxiliou Charles de Robeyrolles na tradução de *O Brasil Pitoresco*, em 1858) e tradutor (traduziu, em 1870, *Oliver Twist* de Charles Dickens para o Jornal da tarde), p. ex. Para compreender algumas das atividades de Machado de Assis, cf., dentre outros, Chalhoub, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003. Para acesso a vasta produção, arquivo e estudos sobre Machado de Assis, consultar <http://www.machadodeassis.org.br/>, portal da Academia Brasileira de Letras. Acesso em 26/05/05.

<sup>5</sup> Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello (1-5-1837 a 4-1-1918) foi nomeado Inspetor Geral da Instrução Pública Primária e Secundária do Rio de Janeiro em 19 de janeiro de 1873, foi agraciado com o título de Barão Homem de Mello em quatro de julho de 1877, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Império. Eleito Deputado Geral, representou a província de São Paulo na Assembléia Geral do Império, na legislatura de 1878 a 1881, integrando o Gabinete Saraiva (José Antonio Saraiva), como Ministro do Império e da Guerra. Conselheiro do Império, participou ativamente da campanha abolicionista. Em 1878, foi nomeado presidente da província da Bahia e a 27 de julho de 1882, diretor da Biblioteca Nacional, tendo sido também Lente de Geografia e História no Colégio Militar do Rio de Janeiro, era major honorário do Exército Brasileiro, dentre outras funções por ele exercidas.

Corte) e publicado nas colunas do hebdomadário “A instrução pública”<sup>6</sup>. Em 1873, as conferências foram publicadas em um opúsculo intitulado “Hygiene para uso dos mestres-escola”<sup>7</sup>, destinado “às administrações das escolas do Império” e para onde conviesse “a prática do que ensina”.

Valendo-se desse duplo dispositivo de difusão, via imprensa pedagógica de traçado oficial e na forma de opúsculo, visava-se ensinar os professores primários alguns dos princípios elementares da doutrina que reivindicava para si o estatuto de ciência-mestra, via de acesso aos segredos da civilização<sup>8</sup>. Assim, modelando mestres, a higiene buscava submeter a população aos seus cânones. Esta, segundo o médico francês, não mais deveria apenas ficar sob a direção do cura e do médico. Ao defender o rearranjo na forma de instruir o povo, a higiene escavava um ponto bem marcado para o professor primário, definido por uma obediência rigorosa às suas exigências. Deste modo, ao produzir o professor como aliado estratégico nas disputas com a fé, a higiene prometia um novo tempo, civilizando a população que ela mesma representava como rude e impura por meio de uma escola higiênica e higienizadora.

---

<sup>6</sup> *A Instrução Pública*. Rio de Janeiro: Typographia Cinco de Março, 1872-75 e 1887-88.

<sup>7</sup> Dr. Gallard. Trad. Machado de Assis. *Hygiene para uso dos mestre-escolas*. Rio de Janeiro: Typographia 5 de março, 1873. Outra reflexão acerca deste material pode ser conferida no estudo de Rocha, Heloisa H.P.. *Discurso higienista e educação: fontes para o estudo da Higiene Escolar no século XIX*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998 (mimeo)

<sup>8</sup> Um estudo mais detalhado acerca das características da Higiene no século XIX pode ser conferido em Gondra (2004).

## As Conferências Pedagógicas

Em um total de quatro, as Conferências do Dr. Gallard podem ser compreendidas como expressão de um dispositivo acionado pelo Estado no sentido de favorecer e patrocinar a emulação dos professores, esta espécie de arte da superação. Postos frente a temas e problemas da vida e do trabalho, os mestres seriam estimulados na busca de soluções, aperfeiçoando, assim, os modos como interferiam na vida de seus alunos, configurando parâmetros que deveriam presidir as práticas desses sujeitos. Esse método de formação tem características transnacionais, visto sua adoção, por exemplo, na Corte brasileira, desde 1854<sup>9</sup>.

As instruções de 1854 indicam, de antemão, os temas ao determinar que os professores seriam reunidos “a fim de conferenciarem entre si sobre todos os pontos que interessão o regimen interno das escolas, methodo do ensino, systemas de recompensas e punições para os alumnos, expondo as observações que hajão colhido de sua pratica e da leitura das obras que hajão consultado”. O regulamento de 1872 repete a observação e prossegue nas orientações, prevendo que, durante a organização do programa, o presidente deveria propor que os professores indicassem temas.

De preferência sobre quaesquer dos seguintes assumptos:  
1º capacidade actual e eventual da casa das escolas, seus commodos e utensis necessários; 2º Estudo, exame e aplicação dos methodos e systemas de ensino; 3º Apreciação dos livros usados nas escolas e dos que convirá adoptar; 4º Finalmente, tudo quanto se considerar necessário e profícuo em relação ao melhor e mais

---

<sup>9</sup> A respeito das Conferências Pedagógicas da Corte, cf. Borges, Angélica. *Governo dos professores primários na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Educação, 2005. Monografia de graduação e Gondra, José. *A emergência da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, especialmente o capítulo 3, escrito com Angélica Borges.

prompto desenvolvimento da instrução e educação primária.

Com isso, pode-se perceber que, embora adotada como método, a consulta se fazia acompanhar da definição de uma espécie de agenda, composta por três preocupações caras aos homens que auxiliavam no governo da instrução: arquitetura e material escolar; os métodos e livros. As normas também prescreviam o tipo de participação dos professores na organização dos programas, sendo que o emprego da metodologia da indicação dos temas por parte do professorado vinha acompanhada da manutenção de antigas regras, como o fato de o poder de consolidação das questões a serem debatidas permanecer concentrado na figura do presidente da Conferência e do Conselho Diretor, em cumprimento ao inciso 3º do artigo 4º, do regulamento de 1872: “Recolhidas estas indicações o Presidente ficará só com o conselho diretor para assentarem nos pontos ou quesitos que devem constituir o programa, pontos que serão determinados com toda a individuação, simplicidade e clareza, ficando assim encerrada a conferência”. Desta forma, a palavra final caberia a um grupo seletivo de indivíduos, representantes do governo imperial, restringindo o espaço para rediscussão das escolhas, visto que o anúncio dos novos pontos consistia no último ato relativo à organização do evento.

As discussões, respeitando as normas preestabelecidas, também deveriam se dar de forma restrita e controlada. O conjunto de regras apresentadas em 1872 definia diversas estratégias de controle disciplinar ao exigir, por exemplo, que os professores guardassem “cortesia e urbanidade”, evitando expressões e gestos que pudessem ofender tanto quanto o desvio da discussão para outro assunto; ao não consentir discursos divagantes e extensos como argumento para tornar a reunião “proveitosa”. Do mesmo modo, determinava a presença do Inspetor Geral investido na função de convocar e presidir a reunião, bem como manter a ordem, “podendo não só fazer sahir

da sala os que não se portarem convenientemente, mas suspender os trabalhos, quando não possa conter os indivíduos que de qualquer modo os perturbarem”. De modo assemelhado, o regulamento de 1884 registra: “As discussões estranhas aos fins indicados no artigo anterior deverão ser rigorosamente proibidas”.

Como se pode perceber, a arte da superação deveria se dar frente a uma regulamentação precisa, que definia o funcionamento geral das Conferências da Corte Imperial, o período em que deveriam se realizar, sua periodicidade, as condições de participação, os lugares a serem ocupados por cada um dos participantes<sup>10</sup> e, também, um sistema de recompensas e penalidades. Esta regra incidia, de modo especial, sobre aqueles descritos como os mais despreparados, os desequipados intelectual, moral e higienicamente: os professores primários. Regra homóloga ao caso francês. As Conferências do Dr Gallard, difusor da Higiene, se volta para os professores das aldeias, espaço afastado da urbanidade e civilidade que se pretendia instituir em toda a França, mas não só neste País, como indicado nestes apontamentos iniciais<sup>11</sup>. O Dr. Gallard, nesta tarefa de irradiador de uma certo padrão de urbanidade e civilidade não estava só, como deixa transparecer no início de seu discurso, na quarta Conferência:

---

<sup>10</sup> O Regulamento de 1872 determina também os lugares onde os participantes deveriam se acomodar: o *secretário* ficaria ao lado direito do *inspetor*, tendo do seu outro lado o *secretário* da repartição da instrução pública; os *membros do conselho diretor* teriam seu lugar no estrado da mesa do presidente; os *professores públicos e particulares* convidados tomariam “promiscuamente” assento em cadeiras colocadas em frente da mesa do presidente e os *delegados e espectadores* ficariam nos lugares que lhes fossem destinados.

<sup>11</sup> Para o caso português, cf. os estudos de Ferreira, António Gomes, especialmente *Gerar, criar, educar: a criança no Portugal do Antigo Regime*. Coimbra: Quarteto, 2000.



Tomando a palavra depois do orador que acaba de sentar-se, só me é dado esperar attrahir a vossa attenção com um discurso que seja breve. Não devo pretender outro mérito, mas esse há de ser apreciado por uma assembléia que, reunida e attenta há mais de duas horas, deve de algum modo assustar-se ao ver a terceira pessoa levantar-se para fallar (1873, p. 69)

Com isso, se pode perceber aspectos do funcionamento das Conferências Pedagógicas na França que, reunindo os professores das aldeias, em Paris, no âmbito de uma Conferência Universal<sup>12</sup>, procurava colocá-los em contato com autoridades bem determinadas, durante um certo tempo, no qual ouviam suas preleções

No conjunto das quatro Conferências, traduzidas e publicadas no Brasil, em 1873, sob o título “Hygiene para uso dos mestre-escolas”, cabe analisar o que foi elevado ao estatuto de matéria a se fazer conhecida pelos professores das aldeias francesas, bem como o modo como tais matérias foram representadas em um discurso marcado pela perspectiva de “formação em serviço” para esse tipo específico de trabalhador.

## Uma descrição do professor primário

A instrução nas aldeias francesas, segundo o Dr. Gallard, durante muito tempo foi representada apenas por dois homens: o cura e o médico<sup>13</sup>. Como assinalado na epígrafe deste artigo, ele propõe o reconhecimento da existência de um trio intelectual, reservando para o professor primário uma função bem

---

<sup>12</sup> A respeito da dimensão pedagógica das Exposições Universais, cf. o estudo de Khulmann Junior, M., *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições universais* (1862-1922). Bragança Paulista, 2001.

<sup>13</sup> Essa ordem é apresentada como uma forma de respeitar a precedência, sinal de um reconhecimento de que a ordem religiosa antecedeu a ordem médica no regime das prescrições voltadas para o conjunto da população.

destacada de fazer a mediação entre os dois que lhe antecederam, como forma de mediar um conflito derivado das ordens religiosa e médica, descrito como um conflito entre o espírito e a matéria, que terminava por reduzir o homem a uma ou outra dessas duas dimensões. O desafio posto e a tarefa delegada ao professor era integrar “essas duas partes indispensáveis: a alma e o corpo” (1873, p. 6). Tarefa que classifica como fácil, dado o não pertencimento do professor a qualquer uma das duas ordens. Portanto, inscrito em outro domínio, o professor primário poderia zelar por uma formação integral, como o médico assinala:

Tanto mais indispensável é isto, quanto que intelligencia, a alma, a parte immaterial sem a qual a creatura não existiria, e que vos cumpre desenvolver, nem o estado, nem a mãe de família, que vos confia seus filhos, podem vel-a senão atravez do grosseiro e material invólucro do corpo; assim que é exigência delles que vigieis com a máxima solitudine o que respeita a esta ultima parte. Com os cuidados iguaes que derdes a esses pequenos corpos e a essas intelligencias infantis é que formareis homens úteis à família, e cidadãos úteis ao estado. (p. 6)

O discurso que define um papel a ser exercido pelo professor primário é o mesmo que institui um lugar para si, a “minha missão”, a do higienista. Esta consistia em ensinar<sup>14</sup> como o desenvolvimento da inteligência, a cultura da alma não deveria impedir que se velasse pelo corpo, de modo que a nova civilização pudesse ter homens bem constituídos física e intelectualmente, com uma inteligência sã em um corpo são e vigoroso: *mens sana*

---

<sup>14</sup> O caráter de dispositivo de ensino/formação é, por vezes, matizado como estratégia para fazer o discurso deslizar para pontos variados. Com essa intenção assinala que as Conferências teriam menos o caráter de um curso solene que o de uma simples conversa, em que se podia ir de um assunto a outro, sugerindo não haver um plano prévio para sua intervenção. (p. 10)

*in corpore sano*<sup>15</sup>. No entanto, esse esforço supõe um regime descritivo que também recobre as crianças. Esta descrição, por sua vez, vem apoiada em outra preleção das referidas Conferências. Trata-se nesse caso das recomendações da Sra. Pape-Carpantier<sup>16</sup>. Segundo ela, para dirigir as crianças e vencer as inumeráveis dificuldades derivadas do desempenho de “tão importante e nobre missão” o grande segredo era amar, amar muito e amar com todo o coração. No entanto, tal amor sem medidas, vinha subordinado ao conhecimento dos “cuidados delicados” que deveriam anteceder (e se manter durante) a instrução das crianças, particularmente da criança pobre, da aldeia. Cabe indagar a que cuidados ele se refere, na ordem em que os mesmos são abordados: parto<sup>17</sup>, hemorragias, respiração do recém-nascido, crítica ao enfaixamento, defesa do uso de fraldas, aleitamento materno, combate ao comércio do leite, crítica aos andadores, defesa de uma aprendizagem natural e da vacina, descrição da nosografia e das formas de lidar com o quadro das doenças mais comuns. Ao lado disto, também

---

<sup>15</sup> Ao fazer a citação em latim, pede perdão ao seu auditório, prometendo não fazer nenhuma outra. Sinal, mais um, de uma descrição dessa assembléia, que precisava aprender com o higienista.

<sup>16</sup> A Conferência da sra. Pape-Carpantier ocorrera no dia anterior à do higienista. Mme. Pape-Carpantier (1815-1878) inspirou-se largamente em Froebel na organização das salas-de-asilo. Como ele, defendia o ensino baseado na natureza da criança. Proclamava que a educação deveria ter por base a afeição e o respeito: “A criança deveria viver no meio de impressões frescas e suaves. Não há uma criança que não se deixe prender pela afeição que se lhe demonstre. Amai cada uma das que são confiadas aos vossos cuidados. Só valemos tanto quanto amamos. O amor é a chama que atrai a chama.” (apud Riboulet, L. *História da Pedagogia*. São Paulo: Francisco Alves, 1951, p. 499). Aspectos da difusão do modelo das salas-de-asilo em Portugal podem ser conferidos em Fernandes, Rogério. Orientações pedagógicas das Casas de Asilo da infância desvalida. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 109, pp. 89-114, março 2000.

<sup>17</sup> Ainda que afirme não pretender revelar todos os mistérios do parto, ele oferece um conjunto de informações, autorizando o socorro em situações limites e emergenciais, indicando os procedimentos a serem adotados.

prescreve uma *idade da escola* e uma série de prescrições para o trabalho com as crianças, que merece ser detalhada.

## A idade da escola<sup>18</sup>

No que se refere à idade da escola, defende que aos 4-5 anos a criança estaria apta a freqüentar a escola. Para ele, a antecipação consistia em um erro posto que não se deveria obrigar a trabalhar a inteligência nimiamente infantil porque prejudicaria o desenvolvimento do físico, retomando e reforçando o princípio da integração e do equilíbrio entre o físico e o intelectual, entre o corpo e a alma, afirmando com uma certa dose de ironia que sempre desconfiara “da saúde desses prodigiosinhos” que começavam “os seus estudos aos dous ou três annos” (p. 16). Chegada a idade da escola, uma série de cuidados deveriam guiar a rotina das crianças, como a garantia de uma atividade física, impedindo que os meninos fossem obrigados a uma prolongada imobilidade:

A criança é activa, deixai que se mova; tem uma actividade exuberante, mas essa actividade é vida, é condição de seu desenvolvimento physiologico: ella mal soffre constrangimento; por esse motivo deveis variar-lhe os trabalhos de tal maneira que, depois de uma occupação relativamente curta, raramente mais de uma hora, haja logo, não recreio, (pois o alumno passaria o tempo a

---

<sup>18</sup> Uma reflexão acerca da cronologia da vida pode ser encontrada em manuais de higiene que, dependendo da tradição a que o autor se vincula, institui etapas da vida bem diferenciadas. A respeito deste debate, cf. Ariès, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981; Becquerel, A 3ª edição (com adição e bibliografia feita por Beuagrand). *Traité elementaire d'hygiene privée et publique*. Paris: P. Asselin, 1864. e Gondra & Garcia. Arte de endurecer miolos moles e cérebros brandos – racionalidade médico-higiênica e construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: Autores Associados, n. 26, pp. 69-84, 2004.

brincar), mas um exercício qualquer que lhe descanse o espírito e o corpo<sup>19</sup>. (p. 20)

No esforço de diagnóstico de uma aula, de suas emergências e das práticas em uso, também aborda a questão do silêncio, discutindo o “prolongado silêncio” das aulas. Para ele, tal procedimento também deveria ser eliminado na medida em que a respiração sofria com a adoção de tal medida. Cabem, então, observar a cadeia de causalidade que organiza para alterar a rotina das aulas. Para ele, o prolongado silêncio funcionava como elemento causal e forma explicativa da alegria e gritos das crianças quando chegava a hora do recreio. Em suas palavras:

Obedecendo instintivamente à necessidade imperiosa de respirar largamente, põem, em jogo, ruidosamente, é certo, mas de um modo eficaz, todos os músculos que favorecem o acto respiratório. Não quero aconselhar-vos que os deixeis gritar assim na aula, cuja ordem não pode consentir semelhante gymnastica vocal, mas podeis fazer com que elles cantem no passeio executado na sala, ao passar de um a outro exercício. Pouco importa que cantem bem ou mal; o que eu desejo é que os seus músculos se movam, tanto os do peito como os das pernas, e até os dos braços que naturalmente acompanharão o movimento da cadencia. (p. 20)

Segue insistindo no benefício dos passeios, desde que feitos de modo a deixar livres os movimentos das crianças, olhando livremente para diante de si “como convem a quem sente a consciência quieta e tranqüila” (p. 21). Mantendo a defesa da liberdade dos movimentos do corpo, Dr. Gallard vai se aliar aos que combatem o fim dos castigos corporais em favor de sua substituição pelos castigos morais, descritos como mais humanos e

---

<sup>19</sup> A recomendação geral vem acompanhada de um modelo, um exemplo: “*Há um meio simples que podeis pôr em pratica, e que aliás já é empregado no ensino mútuo, é fazer executar um pequeno passeio em volta da aula, na ocasião de passar de um estudo a outro*” (p. 20)

mais eficazes. Nesta linha, o combate também recobre o que designa de “atitudes forçadas”, mais cruéis, às vezes, que as pancadas. Segundo ele, colocar uma criança de joelhos e deixá-la assim, por longo tempo, é maior tortura que um “carolo” dado em um momento de cólera; por um livro em cada mão e fazer estender os braços em cruz é um suplício inimaginável<sup>20</sup>. Como alternativa, recorre aos mecanismos da disciplina. Para ele

Entre os castigos, os que se dirigem á intelligencia, os castigos de algum modo morais, ao os que deveis sempre preferir, porque esses não alteram a saúde, e parece-me que são mais efficazes. Marcaí na aula um logar destinado especialmente aos maus alumnos; não é necessario que seja o mais escuro ou o menos arejado; bastará que seja o logar das crianças punidas, e é quanto basta para que nenhuma criança queira occupal-o. Pode-se imaginar castigo mais simples e innocente? (p. 21)

Na seqüência, propõe formas alternativas de constrangimento da criança “indisciplinada”, fazendo combinar preocupações comportamentais e zelo com a saúde. Nesta lógica, os mais quietos e fracos deveriam ser castigados com os “brincos” que exigiam força. Os de “vitalidade exuberante” deveriam ser obrigados a jogos tranqüilos. Com isso, prometia a obtenção de um grande efeito, sem que nunca o professor pudesse ser acusado de excessiva severidade.

Em 1896, decorridos mais de duas décadas da tradução do Dr. Gallard, Machado de Assis publica “Várias Histórias”<sup>21</sup>, coletânea de contos na qual há um intitulado “Conto de Escola”<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> A substituição dos suplícios pela disciplina, visando um governo de si, uma autodisciplina é objeto do estudo de Foucault e que pode ser conferido em Foucault, Michel. *Vigiar e punir*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

<sup>21</sup> Assis, Machado. *Várias histórias*. São Paulo: Globo, 1997.

<sup>22</sup> Apoiado em Diderot, Assis justifica sua opção pelo gênero do “conto”, ressaltando que o tamanho reduzido dos mesmos não é o que fazia mal a este gênero de histórias. Para ele, a questão era a da sua qualidade, havendo “sempre

Neste conto, o tradutor se aproxima de algumas teses do traduzido ao descrever formas da violência contra as crianças presentes na casa e na escola; esta última situada na Corte, em um “sobradinho de grade de pau”, nos idos de 1840. Para escapar da violência do espaço privado, Pilar, o aluno imaginado, se refugia na escola de primeiras letras para meninos do Prof. Policarpo. Opção que o leva a se arrepender, contrastando a imobilidade da aula (e de seu corpo) com a liberdade da rua: “Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios (...) E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos” (Assis, 1997, p. 138-139).

Como se pode perceber, há sinais de desdobramento das recomendações do Dr. Gallard no modo como o arrependimento do menino é descrito, estratégia do tradutor para criticar a forma escolar que aprisiona e paralisa seus alunos. Essa espécie de linguagem desdobrada também se manifesta na denúncia dos castigos físicos, simbolizado pela presença e emprego da palmatória: “O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada no portal da janela, à direita, com seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca” (idem, p. 140)

Quanto aos usos desta ferramenta de supliciar, seu emprego se dava em situações heterogêneas, com foco voltado para uma espécie de normalização das práticas. Neste sentido, servia para instituir um modelo bem determinado de desempenho intelectual, punindo os que dele se desviavam, como também para punir atitudes julgadas incompatíveis com o ambiente escolar. Neste caso específico, o objeto a ser combatido era a corrupção, submetida ao regime da penalidade-punição que, neste caso, vai se

---

uma qualidade nos contos, que os torna superiores ao grandes romances”. (Advertência, in *Varias Histórias*, 1997)

realizar com base em uma espécie de amálgama entre o castigo físico e o constrangimento de ordem moral. Combinatória que pretendia banir da pequena sociedade escolar um comportamento tido como indesejável na grande sociedade. Neste registro, a escola também ensina o que considerava como “boa delação”. Ensinamentos que fizeram com que o menino “sem virtudes” (idem, p. 137), a caminho da escola, no dia seguinte às duas grandes lições recebidas no que se refere à corrupção e delação, tivesse, desta vez, se desviado não apenas da rotina da escola de primeiras letras do prof. Policarpo, mas da própria escola, tendo preferido marchar junto a uma companhia do batalhão de fuzileiros, ao ritmo do rufar dos tambores. Assim, no conto machadiano, a escola da mobilidade, da rua, representa uma dupla vitória em relação à escola da paralisia e da violência. Não seria isto mais um efeito da linguagem do traduzido, desdobrada na do tradutor?

Por fim, ao concluir sua primeira conferência, o traduzido se desculpa pela quantidade de assuntos abordados, o que fez com que os tivesse tratado com uma “rapidez vertiginosa”. Ao encerrar, em um esforço de síntese, formula seu conselho final:

Vigiai com igual solicitude a alma e o corpo dos vossos alumnos: com igual cuidado deixai-lhes desenvolver as forças physicas e as forças intellectuaes, por que em cada um desses meninos que o estado vos confia deve elle ir buscar mais tarde uma eleitor e um soldado, isto é o poder moral e o poder material de que o nosso governo terá sua força e que fazem hoje a nossa França tão quieta e unida no interior, tão grande e respeitada no exterior. (p. 22)

No conselho final, retoma pois uma determinada representação deste integrante do trio intelectual responsável pela instrução e formação dos camponeses. Cabe, nesta representação, o reforço à função de agente integrador, articulador da dimensão moral e intelectual dos futuros eleitores e soldados.



## Por uma educação higiênica ou integral

As Conferências do Dr. Gallard também pretenderam funcionar como dispositivo para fazer circular e legitimar um modelo de educação integral, partilhado por grande parte da ordem médica no século XIX<sup>23</sup>. Trata-se do modelo hexagonal que supõe observar as seguintes dimensões na organização e funcionamento das instituições privadas e públicas: *circumfusa* (os arredores), *applicata* (proteção e limpeza corporal), *ingesta* (nutrição e hidratação), *gesta* (exercícios corporais), *excreta* (eliminação dos resíduos do corpo) e *percepta* (educação dos órgãos do sentido). Modelo que, de modo condensado, se encontra presente e estrutura as 3 últimas Conferências do higienista francês para os professores primários do interior da França e, posteriormente destinadas aos que administravam as escolas do Império do Brasil.

A segunda Conferência é aberta com uma observação referente à educação dos adultos nas escolas noturnas. Sendo assim, as prescrições higiênicas dilatam seu raio de cobertura, aplicando-se tanto às crianças como aos “homens feitos”, ou seja, tratava-se de um saber que deveria se fazer presente durante toda a vida. Saber que recobria as regras do asseio pessoal, passando pelos banhos (regularidade e temperatura), as roupas (inclusive “as de baixo”), cuidados com a construção e localização das casas, alimentação (tipos, carnes, bebidas), relação entre boa digestão e repouso. Essas prescrições, como as demais, também vêm apoiadas em autoridades, recolhendo exemplos que recuam até a antiguidade ou mesmo de autores que lhe são contemporâneos. Neste caso, recupera o livro do Dr. Motard, *Ensaio de Hygiene Geral*, de 1841. Um dos destaques extraídos desse livro reforça a instrução como *remédio* para os males do campo que, então, descreve. Apoiado no colega, afirma que o *remédio* é a instrução longamente disseminada nas aldeias, reconhecendo que a

---

<sup>23</sup> A esse respeito, cf. por exemplo, Becquerel, A., 1864. e Gondra, 2004.

dificuldade não consistia em sua indicação, mas em sua aplicação. Deste modo, volta sua face para o aparelho do Estado, reclamando uma efetiva política de instrução que revolucionasse a sociedade francesa, sem convulsão. Deste modo, o diagnóstico médico também se apresenta como instrumento para uma ação de governo:

Será eterna honra do ministro que preside aos destinos da instrução publica (o Sr. Duruy<sup>24</sup>) o ter compreendido como essa applicação deve ser feita. Árdua, atrevida e bella era a empresa de renovar completamente a sociedade franceza, sem revolução nem abalo, é só com a diffusão da instrução (p. 32)

Como se pode perceber o discurso técnico-científico comparece associado a um projeto de intervenção “pacífica” na sociedade francesa. Repõe-se, deste modo, uma dimensão redentora da razão-educação, atualizando uma representação missionária do professor que, ainda que não fosse mais um apóstolo de uma determinada fé, era instituído como um apóstolo civil, cujo trabalho-missão deveria ser presidido pelas “luzes” impostas pela racionalidade médico-higiênica<sup>25</sup>.

A terceira Conferência reafirma o saber médico como guia da sociedade, desferindo ataques aos curiosos, comadres e curandeiros. É a mais longa das quatro, na qual vai se afirmando

---

<sup>24</sup> Victor Duruy (11-09-1811 a 25-11-1894) nasceu em Paris, foi normalista, mestre de conferências na Escola Normal, professor de história na Escola Politécnica e inspetor geral de ensino secundário. Foi ministro da Instrução Pública entre 1863 e 1869 e membro do Conselho de Instrução Pública de 1881 a 1886.

<sup>25</sup> Não defendo uma exclusividade desse saber-poder na modelação da sociedade e de suas instituições, até porque sua afirmação e legitimidade supõem o reconhecimento de articulações variadas e polimorfas com outras ordens de saber-poder, como a religiosa, militar e jurídica por exemplo. Percepção que nos obriga a trabalhar com a tese de que a própria ordem médica se organiza e funciona de modo heterogêneo.

claramente os limites das concessões feitas aos professores primários, ainda que equipados com os saberes difundidos no âmbito das Conferências. A eles caberiam medidas emergenciais, de primeiros socorros, cuja continuidade deveria estar subordinada à figura do representante da racionalidade médico-higiênica:

Vou dizer-vos o que, nessas circunstâncias urgentes, podeis e deveis fazer antes de chegar o médico. Notai bem que as minhas instruções não podem ir além disso, nem pretendem suprir os conhecimentos que só a experiência e estudos especiaes podem dar. Ainda com esta prudente reserva, ser-vos-há possível intervir muita vez de maneira a fazer-vos uteis a vossos vizinhos e a prestar auxílios aos médicos do logar, auxilio tanto mais efficaz quanto que o fareis com reserva e discrição. (p. 34)

O tom imperativo dá a medida da concessão, marca os espaços do saber-poder, delineando o raio de atuação desses dois representantes da intelectualidade, raio cuja medida é dada pelo médico: “Os cuidados que podeis prestar, e que vou indicar, applicam-se a moléstias ou a feridas”. Segundo esta divisão, o higienista aborda a questão da inanição, sangrias, epilepsia, embriagues, asfixia, vômitos, envenenamentos, epidemias e endemias, por exemplo. No regime da repartição, se esforça em acentuar a linha que distingue os dois ofícios. O médico, representado como sempre modesto e muito instruído, passava os dias e, muitas vezes, as noites, a correr pelos campos, ora a cavalo, mais comumente a pé, raramente em um mau tálburi, que não o protegia nem do frio, sol, nem da chuva e vento. Ao mesmo tempo em que afirma ser o ofício do professor primário, sem dúvida difícil, reconhecendo, mais do que ninguém a abnegação dos mestres-escolas, também assinalava que não podia ser comparado às dificuldades encontradas pelo médico no exercício de sua função. Mais sofrido, mais modesto e muito instruído, cabia, portanto, ao médico, por uma qualidade ou combinatória delas,

definir o que deveria ser executado por cada um dos membros da referida trindade intelectual.

A quarta Conferência é dedicada ao corpo e à ginástica, fornecendo um guia mais completo para a ação dos professores, de modo que pudessem mediar as relações entre o corpo e alma. Neste domínio, as atividades corporais são descritas como a possibilidade de aumentar o vigor corporal, bem como os limites em que conviria prosseguir ou restringir o desenvolvimento das forças físicas. O princípio operatório é assemelhado ao empregado nas demais conferências. Faz uso de uma erudição, recorrendo a exemplos da antiguidade e de outros países como estratégia para reafirmar que o princípio da moderação também deveria ser regra na seleção dos exercícios corporais. Com essa chave, estrutura um discurso em que aponta o que deve ser eliminado e o que deve ser estimulado nas aulas, configurando o que nomeia como “a boa, a verdadeira e sã gymnastica” (p. 79) Assim, por exemplo, combate o pugilato, os exercícios artificiais dos ginásios, indicando a bola, barra, equitação, natação, trabalhos agrícolas, exercício militar, manejo de espingarda e a caça. Como vantagem adicional do uso higiênico dos exercícios corporais, lembra que os mesmos também funcionavam como um eficaz remédio contra “as paixões nocivas”. Ao concluir sua última Conferência, faz questão de relembrar a missão dos professores primários:

Cabe-vos fazer com que nos vossos alumnos o equilibrio se estabeleça de um modo regular, para que elles sejam dotados de uma alma forte e de um corpo vigoroso. Vossa missão é formar homens, na máscula acepção da palavra, e dignamente desempenhareis essa nobre tarefa se conseguirdes que os vossos alumnos sejam, ao mesmo tempo, capazes de servir a nossa pátria com a intelligencia e defendel-a com animo e vigor (p. 83)

Nas palavras finais, a pátria comparece como argumento que orientaria a adesão ao saber-poder da Higiene. Como se pode perceber, trata-se de uma racionalidade que se aproxima do

aparelho do Estado, estratégia que apresenta um duplo efeito; expandir-se por meio das instituições que o Estado cria e mantém e, com isso, expandir-se enquanto discurso primeiro de uma sociedade e população que se queria higiênica e higienizadora.

A título de conclusão, cabem alguns comentários, tomando por base o percurso e as formas de difusão do discurso traduzido. O interesse do poder público na medicina de caráter social, essa *razão aplicada*, já vinha se manifestando em outras medidas, como é o caso das sucessivas reformas pelas quais o curso de Medicina passou ao longo do Império, no apoio à sociedade científica dos médicos, na criação de juntas de higiene, na inclusão da disciplina de higiene nos cursos normais e também na tradução de livros que abordavam esta questão. Na ordem médica, este é um ramo que vai disputar uma orientação na formação e direção da própria ordem, enfatizando a perspectiva da prevenção, contra a do par doença-cura. Na ordem escolar, se observa uma vasta produção de discursos voltados para configurar uma escola higiênica. Dois exemplos para concluir. O primeiro refere-se ao livro *Hygiène Scolaire – influence de l'école sur la santé des enfants*, de A. Riant<sup>26</sup>, em sua 6ª edição, de 1882, integrante do acervo da biblioteca na Escola Normal de São Paulo, atestando a circulação de obras francesas focadas nesta problemática e sua presença em uma escola de formação de professores primários. O segundo exemplo é o livro *Noções de Higiene*, do médico brasileiro, Afrânio Peixoto<sup>27</sup> que, em 1925, se encontrava na 3ª edição (revista e adaptada para as

---

<sup>26</sup> Doutor em medicina pela Faculdade de Paris, professor de higiene na Escola Normal do Departamento do Sena, encarregado do curso de higiene no Liceu Charlemagne e oficial de instrução pública. Sua obra foi admitida pela Comissão de exame das bibliotecas escolares e das bibliotecas pedagógicas, tendo sido premiada pela sociedade livre de instrução e de educação populares.

<sup>27</sup> Formado na Faculdade de medicina da Bahia, foi professor de Medicina Legal e Higiene na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Também foi diretor da Escola Normal e Diretor-Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, dentre outras funções por ele exercidas.

escolas normais, aos cursos de farmácia e odontologia, às escolas profissionais, aos ginásios e liceus). No prefácio à 1ª edição, é apresentado como o primeiro do gênero que se publica no Brasil. Dois pequenos exemplos que indicam que a preocupação com a difusão da higiene para o uso dos mestres-escolas não pode ser vista como algo incidental, tampouco como algo fixo. Essa forma de intervir na sociedade e na vida das pessoas teve vida longa, formas variadas de institucionalização e legitimação, forjando uma tradição que é preciso conhecer.

|                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>José Gonçalves Gondra</b>/UERJ. Rua Olegário Mariano, 276.<br/>Tijuca – Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20510-210. e-mail:<br/>gondra@oi.com.br. Tels. 21- 2238-7760 ou 88745703</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Recebido em: 12/05/2007  
Aceito em: 20/07/2007